

## UM ESTUDO SOBRE A ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA DAS MULHERES DA FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ (FLONA) ATRAVÉS DE SUAS HISTÓRIAS DE VIDA E FOTOGRAFIA

Marcela da Silva Barbosa  
*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED*  
*Bolsista CAPES*  
*miguel261016@gmail.com*

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cassia Fraga Machado  
*Professora na Universidade Estadual do Amazonas-UEA*  
*Vice Coordenadora do PPG em Educação UEA/AM*  
*rmachado@uea.edu.br*

*V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO*

### RESUMO

Historicamente a vida das mulheres, sempre teve seu papel de coadjuvante, resultado de uma estrutura patriarcal e capitalista em todo o mundo. Diante dessa narrativa, as mulheres agricultoras e pescadoras da Floresta Nacional de Tefé vem em contraposição a isto, após um processo de encontros comunitários, umas com as outras, na construção de organização de feiras agroecológicas nas suas comunidades, feminismo e educação popular. Essa pesquisa irá usar a metodologia da pesquisa – ação e como técnicas a história de vida e fotografia. Vamos analisar através de conversas e fotografias, a trajetória dessas mulheres, desde criança até sua vida adulta dentro da comunidade e qual as lições pedagógicas no processo de organização delas em comunidade, ou seja, o que elas ensinam e o que elas aprendem. Vamos analisar a perspectiva da história de vida, e trazer a força que essas mulheres possuem dentro da comunidade, da troca, do companheirismo, da amizade. Esse estudo da pesquisa-ação, irá justamente analisar essas manifestações afetivas e potentes de organização, que trouxe um despertar nessas mulheres dentro do seu próprio trabalho, a agricultura.

**Palavras-chave:** Mulheres Agricultoras, Feminismo, Organização Comunitária, Histórias de Vida, Comunidade.

### ABSTRACT

Historically, women's lives have always played a supporting role, the result of a patriarchal and capitalist structure throughout the world. In light of this narrative, women farmers and fishers in the Tefé National Forest come in opposition to this, after a process of community meetings with each other, in the construction of the organization of agro-ecological fairs in their communities, feminism and popular education. This research will use the research methodology – action and as techniques the life history and photography. Through conversations and photographs, we will analyze the path of these women, from childhood to adulthood within the community, and what are the pedagogical lessons in the process of organizing them in the community, that is, what they teach and what they learn. We will analyze the perspective of life history, and bring the strength that these women have within the community, exchange, companionship, friendship. This study of action research will precisely analyze these affectional and powerful manifestations of organization, which brought about an awakening in these women within their own work, agriculture.

**Keywords:** Women Farmers, Feminism, Community Organization, Life Histories, Community.

## INTRODUÇÃO

A vida das mulheres sempre foi marcada como de coadjuvante na sociedade, em todos os pilares sociais. O modelo de sociedade patriarcal e machista, se faz presente dentro dos mais diferentes contextos, sendo presente nos meios rurais e na floresta, para com mulheres ribeirinhas da Amazônia. As mulheres da floresta, historicamente vão de encontro com lutas sociais, derrubando barreiras patriarcais para encontrar o seu lugar de organização dentro das comunidades são elas as responsáveis pela organização das feiras orgânicas que acontece na cidade de Tefé-AM e participam como membros atuantes na APAF, que é a associação dos moradores da Floresta Nacional de Tefé, elas também contribuem para as tomadas de decisão dentro da comunidade.

Dentro deste contexto, este estudo visualiza essa problemática, e objetiva saber como se dão as relações das mulheres dentro de suas comunidades na Floresta Nacional de Tefé (FLONA). Para tanto, buscamos identificar qual o espaço destas mulheres nas tomadas de decisões dentro da comunidade; saber sobre a existência de mulheres em posição de poder dentro nas comunidades e se existe, de que forma se deu esse processo e, qual o ponto de partida. Essas relações de poder, que podemos chamar também de autonomia dentro da comunidade, como o direito da mulher, estudar, trabalhar, ter seu próprio dinheiro, ou participar das reuniões e ter seu espaço na tomada de decisão dentro da comunidade, ter seu espaço de fala ou até mesmo ser presidenta, representante

dentro da comunidade, papel esse pouco comum na nossa sociedade e nas comunidades ribeirinhas da FLONA.

O processo metodológico dessa pesquisa, deu-se primeiramente na perspectiva dessas mulheres, em suas vivências comunitárias e suas histórias de vida. Esta pesquisa possui punho qualitativo onde usaremos como processos metodológicos histórias de vida e fotografia. Por meio destas técnicas vamos participar ativamente da pesquisa-ação. No processo da técnica da história de vida, as mulheres são os sujeitos de nossa observação, e buscaremos analisar essas mulheres da floresta, suas histórias, desde a infância até a vida adulta. A fotografia é um instrumento que complementa a história de vida, nesta pesquisa ambas irão estar lado a lado nesse processo metodológico, pois, a fotografia assim como a técnica da história de vida, tem a sua importância nas ciências humanas. Através dela vamos voltar o olhar para essas mulheres, analisar os contextos sociais e contar a histórias dessas mulheres da floresta. Por fim, através da observação da história de vida e da fotografia, traçaremos suas trajetórias de campo.

Será realizado na pesquisa, a visita nas comunidades onde essas mulheres residem, ir ao encontro delas, estar na mesmo ambiente, tem o objetivo de deixar mais à vontade nas conversas, essa conversa será, uma interação, uma troca, o objetivo principal será de ouvi-las, e compreender esse processo-caminho da organização comunitária. Fazendo uso de gravador e câmera fotográfica, vamos captar esse momento de reflexão na histórias dessas mulheres, as ouviremos narrar suas histórias de vida, buscaremos conduzir para identificação através de suas narrativas presença de exploração de trabalho, machismo, lutas, processos culturais, processo de organização e incorporação individual a este, sororidade, a cooperação e o ajuri dentro da comunidade, nas suas hortas, nas suas roças e no pescado.

### **Lugar da Pesquisa e o contexto**

A FLONA de Tefé e seu entorno possui uma área de 865.126,62 hectares (MACHADO, 2013) e está localizada na região do Médio Solimões<sup>1</sup>, no estado do Amazonas e possui cerca de 705 famílias distribuídas em 100 comunidades localizadas às margens dos rios Bauana, Tefé e Curumitá de Baixo, os principais e mais influentes

---

<sup>1</sup> “A região do Médio Solimões pertence à Amazônia e é constituída por uma variedade de ecossistemas e biodiversidades consideradas patrimônio natural da humanidade” (MACHADO, 2013, p. 51)

cursos d'água da FLONA (Figura 1). Esta região conta com uma diversidade de povos com saberes, habilidades, costumes e valores próprios, o que confere a região um espaço de forte presença agroextrativista e indígena. As populações humanas presentes na região se apresentam diversidades cultural, social e etnicamente. A FLONA de Tefé é uma Unidade de Conservação (UC) de uso sustentável decretada no dia 10 de abril de 1989 através do Decreto n. 97.629. É administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Esta unidade de conservação integra o Corredor Ecológico Central da Amazônia Ocidental, conforme denominação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE.,

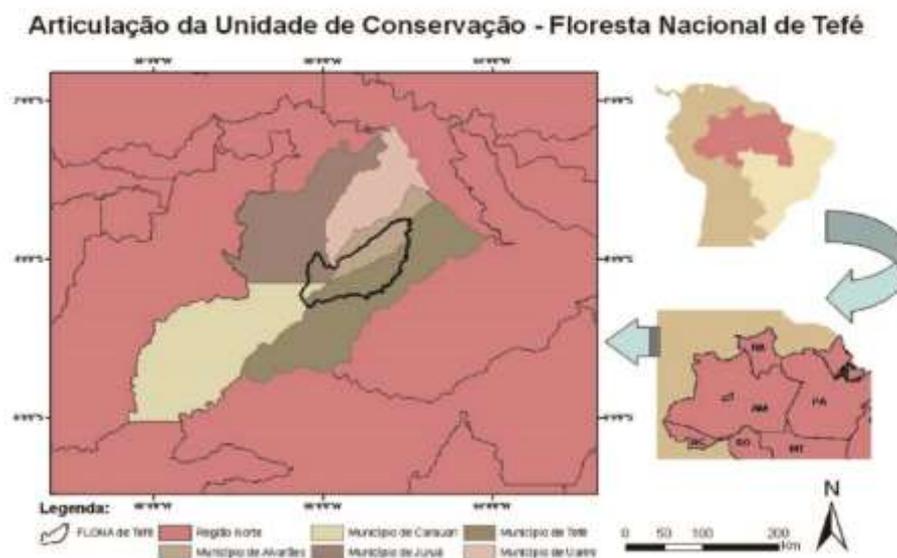


Figura 1. Floresta Nacional de Tefé, Médio Solimões, Amazonas. Fonte: ICMBIO, 2004.

Essas comunidades onde essas mulheres da Floresta residem, é a terra, o lugar desses povos amazônidas, antigamente trabalhavam com a extração da seringa, onde as mulheres acompanhavam os homens, hoje em dia, trabalha-se com o extrativismo, principalmente da castanha, a roça e pesca torna-se atividades essenciais para a sobrevivência desses povos, essas comunidades, são compostas por famílias com suas casas de palafitas, os rios torna-se o caminho para sair em busca de significados para além da comunidade, significados esses que está ligado principalmente com a emancipação dessas mulheres.

### Os Relatos de Histórias de vida das Mulheres da Flona

É no processo de conhecimento da floresta que as mulheres agricultoras habitam, trabalham, se ajudam como no ajuri<sup>2</sup>, usam a sororidade para contribuir com suas parceiras de lutas e trabalhos na roça. Muitas das comunidades da FLONA de Tefé estão localizadas em ambiente de várzea, que são florestas inundadas durante uma parte do ano - chegando em alguns locais a ficarem totalmente debaixo d'água. O processo de inundação dos rios possui interferência direta na dinâmica e na rotina da comunidade e dessas mulheres que vivem da agricultura e da pesca:

Para compreender o modo de vida das populações ribeirinhas no Amazonas, faz-se fundamental compreender a dinâmica da natureza, sobretudo o ciclo das águas. Essas populações, portanto, convivem com a presença marcante da água e da exuberância da floresta (SUERTEGARAY, OLIVEIRA, DELFINO, 2016, p.116)

No processo de pertencimento ao lugar, onde essas mulheres se colocam, vamos usar a história de vida e fotografia, da nossa primeira entrevista, uma vez que a pesquisa está em processo inicial.

Essa primeira entrevista traz a vivência dessa mulher da floresta, significados processuais da vida de uma mulher ribeirinha que nasceu e cresceu em uma comunidade, no meio desse processo de conhecimento conforme diz Silva et al 2007, a história de vida é um processo metodológico, usado nas ciências humanas, como fator principal, pois diz respeito ao vínculo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. No que diz respeito a pesquisadora, esse método imprime a pesquisa caráter especial e de vivência pessoal, pois, traz à tona também a vida da própria pesquisadora, amazonense, criança ribeirinha e filha de mãe agricultora, mulher da floresta.

Vamos conhecer a primeira mulher dessa pesquisa, essa mulher chamada Edna, é a potência de uma mulher que sempre viveu na floresta, na beira dos rios, dona Edna nos traz no primeiro momento, que apesar de toda dificuldade desde criança, nunca desistiu de se tornar uma pessoa melhor para ela, ou para os filhos, sempre com esse desejo materno muito forte em toda a conversa, dona Edna traz a dificuldade das mulheres quem moram nas comunidade ribeirinhas da Floresta Nacional de Tefé, e ao encontro de lutas, tristezas, traz as suas alegrias também, nessa estrutura desigual da

---

<sup>1</sup> *MUTIRÃO* ('mobilização'). Usado muito nas comunidades como forma de ajuda, fazem mutirões para terminarem o roçado.

sociedade, essas mulheres se organizarem em busca de espaços dentro da comunidade, em busca de sua revolução pessoal e de todas as manas das comunidades, a luta por igualdade e respeito dentro da comunidade é um processo de conquista.

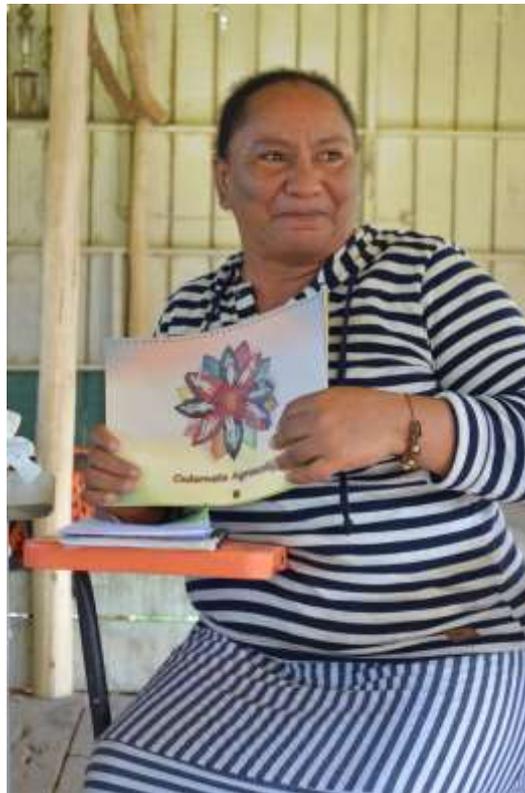


Figura 2. Dona Edna mostrando um caderno agroecológico para as outras mulheres da comunidade.  
Fonte: Acervo da autora, 2019.

Acima esta dona Edna Lopes, uma das inúmeras mulheres, mães, agricultoras e pescadoras da Flona de Tefé. Dona Edna, tem cinco filhos, desses cinco, todos possuem ensino médio completo, diferente dela, que estudou somente até o ensino fundamental. [...] *Eu nunca consegui estudar na cidade, a partir dos meus 10 anos, eu comecei estudar, lá, na comunidade, onde tinha os professor, eles escolhiam uma pessoa da própria comunidade que entedia mais um pouco, e eu tenho dentro da minha família, e a gente começou estudar lá. Eu entendida, nunca tive oportunidade de estudar na cidade, pela questão que meus pais não tinha condições de manter nós morando na cidade, ai a gente aprendeu, e o pouco que sei hoje eu aprendi lá, onde eu nasci e, me criei.*

De acordo com Andrade e Machado (2018) a emancipação feminina é importante, dentro de todo esse sistema opressor e machista. No que tange as mulheres

sujeitas da pesquisa, possibilitar o acesso a educação e a reestruturação educacional dessas mulheres é primordial para que elas possam ver para além das florestas e dos rios e consequentemente conquistarem sua emancipação. No relato da dona Edna, também é possível observar o descaso do Estado, com a educação no interior. ***a partir dos meus 10 anos, eu comecei estudar lá na comunidade.*** Vemos nesse trecho da entrevista, a comprovação desse descaso. Atualmente, se tem algum avanços nesse aspecto, já há professores formados, ministrando aulas nas comunidades para as crianças, até o fundamental completo. No entanto, não são todas as comunidade que possuem escolas e de maneira geral, as escolas contemplam apenas o ensino fundamental e médio no modo tecnológico.

Outro ponto marcante na entrevista em que dona Edna aborda sobre a sua educação na infância. [...] ***A minha borracha era feita da coisa da sandália, e o meu lápis era dividido no meio pela minha irmã, então era um lápis para nós duas, cortava no meio, e economizando, pois aquela que gastasse o seu primeiro era arriscado ainda o meu pai bater ela por ela ter extraviado o lápis dela logo, e a nossa bolsa, a gente esperava o açúcar acabar e lavava aquela sacolinha que era para botar o caderno dentro, e hoje eu fico olhando assim, que nós íamos feliz da vida estudar com esse material.*** [...]

Sobre a educação das mulheres é reconhecida sua importância, sobretudo para emancipação, as autoras Andrade e Machado (2018) reforçam essa visão, afirmarem que a busca pela educação, uma educação popular, traz a autonomia dessas mulheres, bem como, a comunhão entre elas, a sororidade para construir relações de igualdades entre elas e os homens dentro da comunidade.

A fundamentação e autonomia dessas relações femininas é um “perigo” para o patriarcado, pois na história a mulher sempre foi subalterna aos homens, em questão de escolaridade, principalmente no passado. No entanto sabemos que a estrutura da sociedade foi edificada principalmente pelas mulheres e suas organizações, mas esse fator não aparece na história e não é por o acaso, é intencional. Segundo Safioti (1976) a mulher das camadas sociais, usou sua mão de obra no trabalho dos bens e serviços. Em todo o momento na história a mulher tem contribuído na economia da família e estrutura social de enriquecimento.

As meninas não tinha o porquê de estudar, suas principais preocupações e obrigações deveriam ser voltadas aos cuidados da casa, dos irmãos, e até mesmo da

primeira menstruação se formar (mestrar) que configurava estar preparada para se casar e constituir família. Ainda hoje é comum observar muitas meninas grávidas nas comunidades, ou com crianças no colo, são mães desde muito cedo, e acabam repetindo a história, da vó, mãe. Conseqüentemente, são mulheres que acabam deixando para trás os seus sonhos, agora na maioria das vezes casada, com um filho no colo e muitas vezes a espera de outro. Essa inferioridade trazida pela mulher ao longos dos anos é uma inpotência, por isso a urgência dessas mulheres buscarem seus horizontes sonhados um dia, a importancia de políticas públicas que beneficiem mais as mulheres, principalemnte as mulheres da floresta, agricultoras, que são esquecidas e marginalizadas pelo Estado.

### **Cotidiano das mulheres: horta, estudos e maternidade**



Figura 3: Marido das mulheres fazendo o almoço. Fonte: Acervo da autora, 2019.

E quando se trata de sexismo, a fotografia retrata o oposto a isso, sempre foi a mulher da comunidade que esteve nesse espaço da cozinha, fazendo a comida, cuidando dos filhos, enquanto os homens tomavam as decisões dentro da comunidade, e essa imagem traz um ponto dessa emancipação que essas mulheres buscavam. Trazer para dentro da comunidade esse tipo de diálogo possibilita mostrar a seus moradores que tanto os homens quanto as mulheres tem o poder de decisão, e que homem na cozinha não é um fato de outro mundo, pois reflete apenas um adulto funcional que faz ativiades

básicas como sua comida. Andrade e Machado (2018) afirmam que quem nasce mulher sabe a dificuldade do dia a dia, mesmo que essa carga de discriminação seja diferente entre as mulheres da cidade e do interior, são mulheres que lutam contra o machismo e o patriarcado na sociedade, ou melhor na comunidade.

Durante a conversa com dona Edna e no campo para capturar as fotografias, foi possível notar que a mulher sempre está preocupada com os filhos, o reflexo da maternidade é muito latente na vida dessas mulheres, um efeito muito importante de observar nessa vivência dessas mulheres é a criação em comunidade, todos criam juntos os filhos na comunidade, esse sentido de cooperação se dá desde muito cedo na comunidade. Porém, a questão materna ainda é um atributo muito pesado para as mulheres, somente a elas, é o dever de cuidar dos filhos e de todos na casa.



Figura 4: Mulheres na reunião com seus filhos. Fonte: Acervo da autora, 2019.

A fotografia acima é o espelho da maternidade da mulher da floresta. Essa mulher que muitas vezes se torna mãe muito cedo, com 13 ou 14 anos de idade, e que abdica muitas vezes da sua juventude para o materno, em um dos trechos da entrevista, dona Edna diz. [...] *A gente conversa em casa com meu esposo, por mais que a gente não tenha condições, é que as vezes a gente quer ter as condições para dar para os filhos da gente que esquece da gente mesmo [...].*

E nesse processo de esquecimento, essas mulheres se anulam, até mesmo de estudar na própria comunidade, de seguir seus sonhos de menina como o de dona Edna, que era de se formar na faculdade, e como diz:

A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída as mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada do lar, continua ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens pela vida adulta. (SAFIOTTI, 1987, p.8).

Esse lugar da mulher/mãe dentro da comunidade é muito latente, mesmo com a participação comunitária, que se dá também por outras mulheres e meninas a participação, o cuidado, não é o papel do homem. Não o papel integral, nessa responsabilidade que deve ser do pai. Segundo Saffioti (1987) a sociedade tenta naturalizar essa questão de a mãe ser responsável pela educação dos filhos, e que esse espaço do doméstico é imposto a mulher/mãe, e o ato de parir que é algo natural da mulher, é também um fator que leva pela sociedade a crer que a cuidar, da casa, dos filhos, do marido é algo natural da mulher. Que na verdade não é, pois tanto o homem quanto a mulher, pelo menos deveriam ter igualdade dentro da casa no que diz a cuidados de filhos, limpeza e afins.

Em uma das falas de dona Edna, ela expõe [...] *o meu esposo ia para reunião na comunidade, ia só ele e eu ficava, eu ainda tinha meus filhos pequenos não podia participar, ele ia e só ele participava [...]*. Esse trecho reforça como o machismo que impera nas comunidades é muito comum. A educação emancipadora, os encontros para discutir sobre o machismo na comunidade, e que foi comentado na entrevista por dona Edna, esse espaço de escuta, de acolhimento para com essas mulheres, foi um divisor de água dentro da comunidade, “[...] a educação e reeducação dessas mulheres é importante pois assim podemos mostrar que elas podem ir muito além daquilo que ensinaram” (ANDRADE; MACHADO, 2018, p. 46).



Figura 5: As mulheres discutindo na reunião qual verdura que irão levar para a feirinha agroecológica na cidade. Fonte: Acervo da autora, 2019.

*[...] A gente foi abrindo a mente, por que que só os homens participavam da reunião e mulheres não! Então aí que a gente já foi se introzando [...] A gente disse para nós mesmo, nós mulher não participar de reunião, onde que nós tamos? Nós tem que abrir os nossos olhos e ver o que a gente quer da vida da gente, então aí eu comecei a participar, mesmo assim indo com os meus filhos, não era todas que eu ia, mas assim que eu fui sendo participativa nas reuniões [...].*

Muito essa perspectiva da dona Edna é observado na Figura 05, esse momento foi uma reunião geral das mullheres, para a organização da feirinha que aconteceu dentro da Universidae do Estado do Amazonas- UEA no municipio de Tefé-AM. Foi um momento de discussão, de estratégias, de avaliação da última feira, e planejamento da próxima. Neste evento, não havia nenhum homem adulto, naquela casa comunitária, somente as mullheres, decidindo sua vida dentro da comunidade, trabalhando com produtos naturais e fazendo seu próprio dinheiro. Foi um momento especial, em que foi possível capturar através das lentes da camera aquela singularidade e a potência daquelas mulheres, que não tiveram oportuniades de estudar, que não tiveram oportunidades de voz dentro de uma reunião, ou dentro da cmunidade. E estavam naquele momento decidindo o futuro das feiras, e inspirando as jovens e crianças da comunidade a buscarem seus seus propósitos.



Figura 6: Mulheres mostrando o andamento da horta. Fonte: Acervo da autora, 2019.

A fotografia acima, traz o reflexo dessa organização e educação emancipatória, em que as mulheres foram inseridas na FLONA. [...] *eu amo isso, porque foi um espaço de nós como mulher e agricultora está dentro de uma unidade, uma universidade, [...] a professora Rita foi uma professora para nós, ela ensinou nós, então a gente não é para está dependendo dela, a gente já sabe por onde ser organizar [...] pelo espaço que a gente conquistou, a gente apresentou dentro da Universidade e para a sociedade o que a gente é capaz de fazer né?*

Portanto, com esse diálogo de dona Edna, uma das lideranças dentro da FLONA, [...] *hoje já melhorou muito a situação da mulher dentro da comunidade, eu vejo, a gente sempre viaja, visita as comunidades, e quando a gente chega em uma comunidade, a mulher se apresenta eu sou presidenta da comunidade, elas já estão tendo o empoderamento delas né?, e isso é uma alegria pra mim, por que antes a só levantava o homem lá eu sou presidente, e nada mais, as mulher sumida [...] a gente é muito inteligente, as vezes a gente acha que não é nada, mas a gente é mais que um homem, [...] eu como mulher, eu levanto de manhã, eu faço café, eu vou para rosa com ele, eu volto, faço a comida, eu lavo a roupa, eu volto novamente para a roça, e faço atividade com ele, eu volto de tarde, tenho que ajeitar a casa, e quando ele chega, ele só toma um banho e nada mais [...].*

Percebe-se claramente a disposição que essas mulheres disponibilizam para seus filhos e marido, esquecendo de si mesmas, mulheres que não tiveram a oportunidade de estudar, mulheres que não tiveram a escolha de seguir seus sonhos, pois morar na comunidade limita esse acesso, por isso tão importante é a educação popular dessas mulheres feitas dentro da comunidade, para trazer a autonomia das mesmas.

Até o momento, podemos afirmar que os encontros de formação e o projeto da feirinha orgânicas, da horta, organizados pela professora Rita de Cássia Machado e sua equipe, foi primordial, pois, caracterizou-se como um momento de organização dessas mulheres. “As hortas torna-se para essas mulheres, um espaço de decisão e de dizer o que pensam sobre sua condição de mulher. Mediatizadas pela horta que as unem, as mulheres reuniram ali todos os dias, discutem sobre o que fazer político” (ANDRADE; MACHADO, 2018, p. 55).

## CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se nesse início de pesquisa que essa estrutura da organização das mulheres, depende muito também de fatores externos, como Universidade, Governo e Instituições que apoiem as mulheres nessa luta de de criar a autonomia dentro da comunidade. Essas mulheres foram silenciadas por muitos e muitos anos, esse processo de organização, reconstrução, precisa de tempo, reeducação, de educação popular, pesquisa participativa, participação comunitária e autonomia, para que esse processo siga pelas mãos das próprias mulheres dentro da comunidade. A participação como direito foi defendida por Machado, 2015 em um projeto de extensão que levantou esse debate dentro das comunidades envolvidas no projeto<sup>3</sup>.

Percebemos nesse sentido que a mulher ribeirinha, da floresta traz a perspectiva de organização e memória da sua acentralsidade. De outras mulheres que lutaram pelos direitos obtidos hoje.

Ser mulher não é fácil nessa sociedade marcada pelo patriarcado e o machismo estrutural, principalmente na comunidade, onde as mulheres são criadas para servir a família e o marido e viver para o lar. E nas comunidades encontramos ainda muitas

---

<sup>2</sup> Projeto: Temos Direito de Participar – Esse projeto depois foi o projeto de pós-doutorado da professora Rita de Cássia Fraga Machado - **Mulheres, organização e produção agroecológica:** Floresta Nacional de Tefé/ Rita de Cássia Fraga Machado, Aildo da Silva Gama (Orgs.). – Curitiba: CRV

marcadas disso que discutimos acima. Percebemos também, que na comunidade há suas alegrias e exemplos de cooperação e afetividade, principalmente entre as mulheres, cooperação na roça, na pesca, ou no cultivo dos produtos orgânicos, percebemos que reconhecer o espaço de direito e respeito dentro da comunidade é um processo de autonomia desenvolvido pelas próprias mulheres dentro da comunidade, principalmente depois da criação da Floresta Nacional de Tefé.

## REFERÊNCIAS

MACHADO, Rita de Cassia Fraga. **Mulheres, organização e produção agroecológica: Floresta Nacional de Tefé/ Rita de Cássia Fraga Machado, Aildo da Silva Gama (Orgs.).** – Curitiba: CRV, 2018. 200 p.

MACHADO, Rita de Cassia Fraga. **É na roça e na cozinha, assim que ‘nóis vivi’.** **Trabalho e Educação das mulheres agroextrativistas da Flona de Tefé (AM)- Primeiras aproximações.** Somanlu, ano 2013, n. 1, jan./jun. 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. ***O Poder do Macho.*** São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade;** prefácio [de] Antônio Candido de Mello e Souza. Petrópolis, Vozes, 1976.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; OLIVEIRA, Mateus Gleiser; DELFINO, Elisa Caminha da Silveira. **Ribeirinhos da FLONA de Tefé-AM: Cartografia Social na compreensão do modo de vida.** In: HEIDRICH, A. L. & PIRES, C. L. Z. (orgs.). *Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura.* Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 103-127. DOI: 10.21826/9788563800220.